

BEM VIVER NA AMAZÔNIA

Reinaldo Matias Fleuri¹

O Bem Viver não é uma teoria acadêmica de moda! É a expressão de modos ancestrais de viver e de ser no mundo, que nutrem lógicas complexas de saber e estratégias sustentáveis de relações de poder. Hoje, o Bem Viver ressurgue mediante os processos de reexistência e de fortalecimento dos movimentos populares promovidos pelos povos originários, sejam indígenas, quilombolas, tradicionais, assim como pelos diferentes movimentos sociais decoloniais, que combatem o racismo, o sexismo, o especismo, o patriarcalismo, o capitalismo, resistindo a práticas sociais genocidas, epistemicidas, etnicidas, ecocidas.

Airton Krenak nos lembra que a

origem do Bem Viver tem uma importância tão grande, pois ela chegou para a maior parte de nós, aqui no Brasil, [...], fazendo referência a uma prática ancestral dos povos que viviam nessa cordilheira dos Andes. Eles são os nossos parentes Quechua, Aymara, uma constelação de povos que viveram séculos nessa cordilheira e que tinham, em comum, uma cosmovisão, em que essa cordilheira viva, cheia de montanhas e vulcões, todos aparentados uns dos outros, tem um significativo nome de Pachamama, Mãe Terra, coração da Terra. Os nossos parentes Quechua e Aymara têm, ambos, em suas línguas, com pequena diferença de expressão, uma palavra que é *Sumak Kawsai*” (KRENAK, 2020, p. 6).

Catherine Walsh (2009) e Luis Macas (2014), entre outros intelectuais orgânicos aos povos andinos Quechua e Aymara, resumem a concepção do Bem Viver, ou Viver em Plenitude, em quatro princípios.

O primeiro princípio, a relacionalidade ou vincularidade, indica que vida é relação, que a existência de cada ser se constitui em relação orgânica com todos os seres da natureza.

Assim, o Bem Viver difere radicalmente da perspectiva liberal, moderna e colonial, de “bem-estar”, que entende o sujeito humano como um indivíduo que pode pensar e existir isoladamente. A ideia de um sujeito pensante individual é nada mais que uma ficção, que nos induz a nos desconectar dos outros seres e “sugere que nós humanos somos separados dessa

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor visitante nacional sênior na Universidade do Estado do Pará (UEPA/CAPES) e coordenador da rede de pesquisas “Mover” - Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais (UFSC/CNPq). Faz parte do Instituto Paulo Freire. É pesquisador Sênior do CNPq.

entidade, que é a natureza, e [...] que podemos consumir a Terra. Essa é a ideia do bem-estar” (KRENAK, 2020, p. 13). Deste modo, ao nos considerar como indivíduos, desconectados de nossas comunidades e das nossas raízes étnicas ancestrais, nos tornamos sujeitos dóceis e úteis para este projeto moderno-colonial.

O segundo princípio, a complementaridade, entende que as relações entre todos os seres da natureza se constituem por polaridades (masculino/feminino, cultura/natureza, positivo/negativo, ying/yang, ...) que se opõem, sim, mas são essencialmente complementares. Os opostos não necessariamente se excluem, nem precisam destruir o outro para defender sua autonomia e singularidade! Pelo contrário, é necessário viver e conviver com o diferente, com o oposto, porque são complementares. A complementaridade requer a manutenção do instável equilíbrio entre as formas opostas, que interagem em cada um de nós, entre nós e no nosso contexto.

O terceiro princípio, a reciprocidade, nos orienta a cultivar o equilíbrio das relações entre opostos-complementares e a manter o fluxo vital entre diferentes seres. A reciprocidade implica que a cada ação corresponde uma reação. É nessa contínua reciprocidade que constituímos o equilíbrio vital dentro de nós, entre nós e com todos os outros seres da natureza. Dar e receber faz parte do processo da vida. O oferecer e o agradecer são dimensões essenciais para manter o equilíbrio e a redistribuição de todos os bens, segundo as necessidades e os propósitos de cada ser na sua singularidade. Portanto, “Bem Viver não é definitivamente ter uma vida folgada. O Bem Viver pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver. É um equilíbrio, um balanço muito sensível e não é alguma coisa que a gente acessa por uma decisão pessoal (KRENAK, 2020, p. 8-9).

Por fim, o princípio da integralidade indica que cada um de nós interage com os outros numa perspectiva de complementaridade e de reciprocidade porque estamos conectados a todos os seres da natureza, segundo estruturas de conexão comparadas, em todas as dimensões do universo.

Esta é a dimensão a que Gregory Bateson (1986) chamaria de “mente”, ou “espírito”, e os povos indígenas chamam de espiritualidade. Ou seja, a integralidade ou espiritualidade indica a conexão de cada ser, nas suas relações singulares, que alimenta as estruturas de conexão constituídas nas relações em todo o universo. Neste sentido, as macrorrelações, desde os sistemas planetários, interplanetários, galácticos, assim como as microrrelações constituídas nos sistemas subatômicos, expressam lógicas de conexão entre diferentes seres e elementos, em que a singularidade de cada elemento é constituída pelo conjunto que, por sua vez, é sustentado

fluidamente pelas relações de oposição-complementaridade-reciprocidade entre seres singulares. As relações entre seres singulares e autônomos constituem lógicas contextuais capazes de sustentar a singularidade e a autonomia de cada elemento constitutivo do conjunto. É o que nos aponta, em outras palavras, a cosmologia ancestral Ubuntu², expressa na máxima: “Sou, porque somos”. A realização de cada ser singular decorre da harmonia do contexto e da comunidade em que vive, da mesma forma que a harmonia do conjunto depende da plena realização de cada elemento que o constitui!

Em suma, as cosmovisões de povos originários ancestrais nos ensinam a Bem Viver, ou seja, a viver e conviver em plenitude, de forma a promover relações e contextos de harmonia, potencializando relações integrais, correspondentes aos princípios cosmológicos, mediante a ativação da complementariedade e reciprocidade entre todos os seres vivos – sejam humanos, naturais e espirituais (FLEURI, 2017).

Com enfoque no Bem Viver, diferentes autoras e autores nos presenteiam, neste dossiê, com seus estudos realizados em diferentes contextos, mobilizados por diferentes desafios. Focalizam desde as temáticas da subjetividade e do feminismo, passando pelo campo educacional (como as implicações do Bem Viver nas áreas da Geografia e da História, bem como as experiências de estudantes quilombolas no contexto da epidemia), discutindo a pluriversalidade, a justiça ambiental e a territorialidade, desde os pontos de vista do direito à cidade, do quilombismo, dos costumes, da religião e musicalidade das culturas populares.

Elisa Gonçalves Rodrigues e Diogo de Siqueira Bendelak dos Santos priorizam o tema da subjetividade em seu artigo *Bem Viver e impessoalidade na vida metropolitana: o memorial da morte como vivência comunitária*. A autora e o autor se propõem a investigar a impessoalidade subjetiva da vida moderna. Consideram que o Bem Viver pode questionar tal impessoalidade, pois se constitui como uma proposta alternativa ao paradigma capitalista por ser uma filosofia de vida que ressalta aspectos comunitários da vida cotidiana. Através de exemplos de vivências comunitárias concretas, argumentam sobre a possibilidade de alteração dessa impessoalidade subjetiva moderna, articulando tal alteração ao exercício prático do Bem Viver. Realizam uma revisão bibliográfica, no campo da Antropologia e das Ciências Sociais, sobre a temática do Bem Viver e da vida subjetiva nas grandes metrópoles. Concluem que agenciamentos coletivos e vivências comunitárias, tal como o rito fúnebre de rememoração dos mortos no Dia de Finados

² Ubuntu é um termo Zulu que indica o próprio conceito de Humanidade, entendendo que o ser de cada pessoa está intimamente conectado ao ser dos outros e da comunidade: “Sou, porque somos” (definição realizada por Leymah Gbowee, ativista pacifista da Libéria). Este mesmo princípio é constitutivo da concepção andina do Bem Viver.

na sociedade brasileira, colocam em cena valores do Bem Viver no que se refere ao sentido de experiência comunitária, de vivência coletiva e compartilhamento mútuo. Por conseguinte, vivências comunitárias desse tipo demandam uma subjetividade completamente diferente da subjetividade impessoal metropolitana – uma subjetividade aberta ao outro e à comunidade.

Mariateresa Muraca explora as interrelações entre a concepção de Bem Viver e as reflexões feministas em *O Bem Viver sob a perspectiva feminista: convergências, problematizações e desafios*. Em particular, a partir da análise da literatura existente, visa responder às seguintes perguntas: quais são os efeitos e as implicações da valorização da abordagem do Bem Viver no interior do feminismo? De que maneiras o feminismo permite alimentar e ampliar o debate sobre o Bem Viver? Quais problematizações e desafios surgem da interação entre eles? Como contribuem para radicalizar reciprocamente a sua análise e potencializar a sua capacidade de incidência na realidade? Nesse percurso, os movimentos de mulheres na América Latina e em outros contextos constituirão uma referência fundamental, com base no pressuposto de que tanto o paradigma do Bem Viver como o feminismo estão enraizados em práticas sociopolíticas e nascem da necessidade de compreender e transformar a realidade.

Ingrid Rodrigues da Rosa Cruz e João Colares da Mota Neto, ainda no campo educacional, apresentam o estudo sobre *Luta, educação e o Bem Viver: a Associação dos Discentes Quilombolas (ADQ/UFPA) frente à Covid-19*. No contexto do trabalho de dissertação de mestrado, a autora e coautor estudaram um conjunto de indagações que a pandemia de Covid-19 trouxe para o campo da educação e para as populações quilombolas. Assim, esta pesquisa teve por objetivo identificar os enfrentamentos do coletivo ADQ/UFPA frente à Covid-19 e seus princípios que fundamentam o Bem Viver na militância como pedagógicos. A pesquisa se faz decolonial, também de campo e de cunho qualitativo. Realizou-se a entrevista dialógica e as análises dialógicas. Como reflexão a partir da realidade dos/as discentes quilombolas em tempos de pandemia de Covid-19, identificou-se que o “novo normal” na educação nada mais é do que a potencialização da anormalidade em que a sociedade vive, de desumanização, individualismo e seletividade. Porém, o coletivo ADQ/UFPA tem recriado o cenário de crise e marginalização, em um cenário de luta como processo educativo pautado em horizontes Outros de existência, ou seja, do Bem Viver na militância, em enfrentamento aos ataques sofridos pelos/as discentes quilombolas no contexto pandêmico.

Amanda Veloso discute particularmente as *Contribuições da ética do Bem Viver para uma educação que colabore para resistir ao Antropoceno*. A autora considera que o colonialismo

significou ao mesmo tempo a imposição de um ideal de humanidade e um ideal de modo de vida desconectado da natureza, pois a exploração do que se chama de “recursos naturais” não seria possível em uma relação integrada à natureza cultivada originariamente pelos povos que foram historicamente submetidos às opressões coloniais. A autora se propôs a pensar sobre o problema “Como a educação pode colaborar para adiar o fim do mundo através da vitalização da existência?”. Inicialmente, apresenta o problema a partir de uma análise da educação hegemônica e sua relação com o pensamento moderno/colonial e o Antropoceno, que tem como principal característica promover a separação entre mundos e a destruição das condições de vida no planeta. No segundo momento, apresenta outras perspectivas sobre a existência a partir do que podemos aprender com as filosofias dos povos ameríndios e afro-brasileiros, que têm inspirado nossa atuação docente. Em suma, a autora aponta possíveis caminhos para uma educação integrada à realidade do nosso contexto e as experiências de Bem Viver nesse território, pensando uma educação que reconstrua as bases da nossa sociedade em diálogo com outros povos, mas também com outros seres.

Benjamin Kantner focaliza o *Bem Viver e justiça ambiental: uma perspectiva hemisférica*. O autor constata que o Bem Viver surge de uma longa linhagem de pensamento crítico e indígena, que liga as origens andinas à aplicação atual na Amazônia e em outras regiões do Brasil. Seguindo as viagens da filosofia do Bem Viver, o autor se pergunta como os acadêmicos, ativistas e comunidades podem apoiar a criação de um espaço de coalizão, respeitando o compromisso do Bem Viver com o local e o relacional? Para além do multiculturalismo ou cosmopolitismo, o Bem Viver apresenta oportunidades para diversas reciprocidades com outros movimentos sociais, enquanto permanece situado em suas raízes indígenas. Com este artigo, o autor faz um exercício de pensar hemisférico baseado nos Estados Unidos, explorando as possibilidades de colaboração entre Bem Viver e Justiça Ambiental. A partir da justaposição criativa inspirada em *Theorizing Race in the Americas* (2017) de Juliet Hooker, conclui que o potencial relacional hemisférico de Bem Viver se torna um espaço compartilhado para resistir ao capitalismo racial e às hierarquias de conhecimento.

Jakson Silva da Silva nos brinda com um estudo da territorialidade urbana: *Lugar de vida popular e Bem-Viver em Belém (PA): pertencimento, tradição e identidade*. Nomeada pelos Tupinambás de Mairi e rebatizada pelos colonizadores portugueses, em 1616, como Santa Maria de Belém do Pará, a cidade hoje, com 406 anos, tornou-se importante centro metropolitano na Amazônia, com suas torres residenciais de alto padrão, shopping centers e orlas requalificadas.

Essa urbanização modernizadora, entretanto, não apagou seus traços indígenas e negros em lugares de vida popular. Essas heranças culturais são representativas na cidade, tanto em termos econômicos como simbólicos. O autor demonstra essa presença particularmente no que diz respeito ao Porto da Palha como espaço de tradição e pertencimento. A noção de Bem Viver é referência para um conceito de direito à cidade, atualizado para valorizar saberes, economias e tradições, situados nos lugares. Uma concepção de Bem Viver aplicada a lugares urbanos, tais como feiras, mercados, portos e trapiches, que têm quilombolas e ribeirinhos como usuários, mas também muitos cidadãos classificados pretos e pardos sem pertencimento e identidade mais assumidas, submetidos todos às imposições da lógica neoliberal excludente do desenvolvimento urbano, que pretende removê-los dos seus lugares de vida, trabalho, lazer e moradia.

Marta Giane Machado Torres e Antonio Luís Parlandin apresentam o estudo que desenvolveram, em um contexto de seminário de pesquisa, focalizando a *Educação, ambiente e interculturalidades do nosso viver Amazônico - Vivência pelo Bem Viver!* Este estudo situa-se na intersecção entre sociedade, ambiente e educação, destacando as práticas e referenciais que orientaram o processo de espraiamento da educação ambiental na Amazônia e explicita as contradições do processo de ensino e aprendizagem que ocorre na educação referente ao meio ambiente. A autora e o autor partem das reflexões realizadas nas aulas da disciplina “Bem Viver e interculturalidade: interfaces entre universidade e comunidades”. Refletem sobre a intersecção entre meio ambiente (amazônico) e os projetos de educação ambiental e sociais presentes na atualidade no Brasil, destacando o Bem Viver. Realizam uma pesquisa de caráter bibliográfico e descrevem os momentos construídos na disciplina. Consideram que as amarras psicológicas, socioculturais, políticas e institucionais que engessam nossos modos de vida nos padrões europeus como referência, atravessam o campo educacional num ciclo recursivo, entre sociedade e escola, em que os professores e professoras – e demais sujeitos da comunidade escolar – podem ser reprodutores de relações sociais marcadas pelo racismo. Nesse sentido, ficou evidente que se trata de um processo dinâmico e contínuo de rupturas e radicalização das lutas no interior da escola. Ao pensar num movimento de descolonização de nossas mentes e corpos, de saberes e modos de vida, propõem rever a história e recontá-la sob outra perspectiva que não a do colonizador. Isso significa construir outras narrativas que nos possibilitem o refazimento de nossa cosmovisão e nos leve a um movimento de práticas sociais em que negros e indígenas, por exemplo, protagonizem a dinâmica de nossa sociedade.

Ozian de Sousa Saraiva relaciona o Bem Viver com uma prática musical regional em *Diálogos de Bem Viver entre rabequeiros bragantinos: construindo instrumentos e laços de amizade*. O autor aborda o diálogo com o Bem Viver entre os rabequeiros (construtores e instrumentistas) em Bragança (Pará) – cidade conhecida como “Pérola do Caeté” por ser banhada pela Baía do Caeté. O instrumento musical (rabeca) ecoa na Marujada (festividade a São Benedito, o “santo preto”) e ressoa nas festividades culturais e em celebrações de igrejas pentecostais da região. As ações que envolvem a construção do instrumento não ocorrem de forma isolada e/ou individual, mas coletiva. Através dos muitos diálogos durante as ações de construção, ocorre a criação e fortalecimento de vínculos de amizade entre os colegas de profissão (construir e tocar rabeca) assim como a inclusão de novos aprendizes que desejam instruir-se no ofício. O Bem Viver, promovido através do diálogo, rompe barreiras religiosas evidentes entre os rabequeiros, fazendo com que se unam tanto para construir rabecas como para tocar em festividades católicas, pentecostais, culturais e em ações do dia a dia, sem qualquer tipo de formalidade. O autor encontra na obra de Alberto Costa referências que o auxiliam a ver por meio dos diálogos entre os rabequeiros, ações fundamentais no dia a dia que se tornam exímias “oportunidades para imaginar outros mundos”, outros horizontes, apontando a rabeca como elemento chave desse diálogo e Bem Viver.

Rodrigo Peixoto apresenta, ainda sob o tema da territorialidade, o estudo sobre o *Bem Viver, direito à cidade e quilombismo: uma pesquisa para reconhecer lugares e territórios negros em Belém (PA)*. O autor conjuga as noções de Bem Viver, direito à cidade e quilombismo como referências teóricas para uma pesquisa empírica objetivando o reconhecimento de lugares e territórios negros em Belém. A partir de uma discussão sobre concepções de cidade, desenvolve convergências entre as referidas noções, ressignificando-as e considerando-as sempre como processos de transformação de um contexto urbano marcado por racismos e colonialidades. A conquista do Bem Viver na cidade para negros e quilombolas se relaciona à luta por cidadania e afirmação de direitos, portanto, à ação política para encetar processos de transformação. A valorização dos lugares de vida popular na cidade parece se relacionar à afirmação deles como “territórios usados” para a produção de vida negra.

A leitura desta obra coletiva catalisa diferentes sentimentos e propósitos frente aos complexos desafios decoloniais que estamos vivendo nas nossas lutas por viver, conviver e gerar vida em plenitude. Por isso, nossa imensa gratidão às autoras e aos autores que generosamente nos oferecem o presente caleidoscópio de instigantes estudos.

REFERÊNCIAS

BATESON, G. **Mente e natureza: unidade necessária**. Tradução de Claudia Gerpe. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

FLEURI, Reinaldo Matias. Aprender com os povos indígenas. **Revista de Educação Pública**, [S.l.], v. 26, n. 62/1, p. 277-294, maio 2017. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4995>. Acesso em: 21 jul. 2017.

KRENAK, Ailton. A origem do bem viver. In: KRENAK, Ailton; MAIA, Bruno (org.). **Caminhos para a Cultura do Bem Viver**. Sl: Cultura do Bem Viver, 2020. Disponível em: <https://cdn.biodiversidadla.org/content/download/172583/1270064/file/Caminhos%20para%20a%20cultura%20do%20Bem%20Viver.pdf> . Acesso 25 jul. 2022.

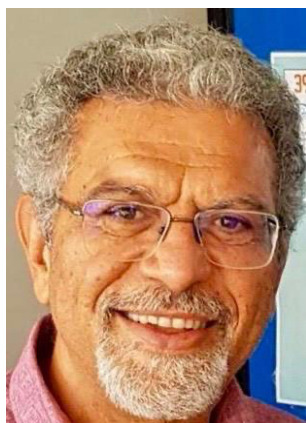
KRENAK, Ailton. O que não é o bem viver. In: KRENAK, Ailton; MAIA, Bruno (org.). **Caminhos para a Cultura do Bem Viver**. Sl: Cultura do Bem Viver, 2020. Disponível em: <https://cdn.biodiversidadla.org/content/download/172583/1270064/file/Caminhos%20para%20a%20cultura%20do%20Bem%20Viver.pdf> . Acesso 25 jul. 2022.

KRENAK, Ailton. Ideia de natureza. In: KRENAK, Ailton; MAIA, Bruno (org.). **Caminhos para a Cultura do Bem Viver**. Sl: Cultura do Bem Viver, 2020. Disponível em: <https://cdn.biodiversidadla.org/content/download/172583/1270064/file/Caminhos%20para%20a%20cultura%20do%20Bem%20Viver.pdf> . Acesso 25 jul. 2022.

MACAS, Luis. “El *Sumak Kawsay*”. In: HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; GARCÍA, Alejandro Guillén; GUAZHA, Nancy Deleg (ed.). **Sumak Kawsay Yuyay: antología del pensamiento indigenista ecuatoriano sobre Sumak Kawsay**. Huelva; Cuenca: FIUCUHU, 2014. p. 179-192. Disponível em: https://base.socioeco.org/docs/libro_sumak.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simon Bolívar: Abya Yala, 2009.

Reinaldo Matias Fleuri é Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1988). Atualmente é professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor visitante nacional sênior na Universidade do Estado do Pará (UEPA/CAPES) e coordena a rede de pesquisas “Mover” - Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais (UFSC/CNPq). Faz parte do Instituto Paulo Freire. É pesquisador Sênior do CNPq. Toda sua produção se encontra acessível em formato digital em www.mover.ufsc.br



E-mail: rfleuri@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7372-1429>

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0966229092773143>